

E A CAMINHADA VALEU

Maria Ignez Rocha e Silva
Instituto de Biociências - USP

O ensino e a pesquisa básica muito devem a Carolina M. Bori. Há pessoas que fazem toda a diferença na vida daqueles com quem convivem e na vida das instituições em que atuam. Carolina é uma dessas pessoas. Acompanhei sua caminhada durante longos anos, com amizade e respeito desde 1985 quando, já doutora, Carolina fazia parte do corpo docente da Universidade de São Paulo e eu era, também na USP, assistente no Departamento de Botânica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Sua ampla visão das questões ligadas ao ensino, sua dedicação às causas da educação, sua força e dignidade em vencer obstáculos e superar dificuldades emprestaram, sempre, características especiais aos projetos de Carolina Bori. Um deles, do qual participei de 1969 a 1974, resultou de um intercâmbio entre o Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília, e mais tarde entre o Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo, e o *Institute for Behavioral Research*, Estados Unidos. Apesar de alguns acidentes de percurso, a história desse intercâmbio ultrapassou as fronteiras da Psicologia e contribuiu para o desenvolvimento de pesquisas importantes em outras áreas.

Quando em Março de 1963, Carolina Bori e Rodolpho Azzi visitaram o *Institute for Behavioral Research* (onde eu era assistente de pesquisa), seu então diretor, o Professor Charles Ferster, acolheu com satisfação a proposta de colaboração entre pesquisadores do I.B.R. e professores do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília.

Criadas como:

organização não governamental (...) assumindo seu caráter de universidade experimental, livre para reinventar o ensino superior de graduação e de pós-graduação (...) [definindo] seu professorado como um corpo de pesquisadores que dão aulas (...) a nova universidade abriu suas portas a projetos inovadores, ampliou seus horizontes e alargou as fronteiras de sua atuação. (Darcy Ribeiro, 1995, p.7).

Inovador, em vários sentidos, o curso de Psicologia Experimental organizado a partir 1962 por Fred S. Keller, Carolina Bori, Rodolfo Azzi e Gil Sherman, tinha como fundamento uma filosofia de ensino que atribui ao mestre função de orientador e incentivador (Keller, 1972). Enfatiza o aspecto interpessoal no processo educacional. Salienta as respostas do aluno como atividade fundamental e própria: o aluno deve conhecer pessoalmente as coisas. Mostra que o recurso às palavras pelo mestre (e pelo aluno) como instrumento inteligível na aquisição ativa e pessoal do conhecimento oferece ao aluno instrumento com que há de pensar por si mesmo, usando seu potencial com liberdade e criatividade.

Esses foram sem dúvida, alguns dos conceitos inovadores que orientaram Carolina Bori quando, já no Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo, assumiu, em 1969, junto ao Departamento de Física da mesma universidade, a responsabilidade de coordenar e orientar os primeiros cursos de Análise Experimental do Comportamento para professores de Física, como parte do programa de pós-graduação (especialização) em Ensino de Física. Como orientandos de Carolina nos cursos de pós-graduação muitos professores de Física desenvolveram trabalhos de pesquisa cujos desdobramentos foram importantes tanto na área de Ensino de Física como na do ensino de Ciências.

Com empenho, muita luta, com bom humor e sabedoria, Carolina orientou, incentivou, deu apoio e oportunidades, abriu portas e percorreu caminhos novos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KELLER, F. S. Adeus mestre ... *Ciência e Cultura*, v.24, n.3, p.207-217, 1972.

RIBEIRO, D. O nascimento da UNB. *Cartas: Falas, Reflexões e Memórias*, Brasília, v.14, n.1, p.7-11, 1995.